

5

O cotidiano no Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro fascina os estudantes por sua exuberante beleza natural. Mas a cidade também oferece grandes desafios. Antes de chegar, os estudantes construíram uma série de expectativas de como seria sua vida no Rio de Janeiro, a partir das representações de Brasil que tiveram acesso através das novelas, da internet e de amigos. Tais expectativas serviram como base para sua primeira inserção na cidade. Quando chegaram aqui, eles precisam lidar com todos os aspectos que entram em jogo quando se vive no exterior: aprender um novo idioma, se adaptar ao sistema de ensino brasileiro, compreender as formas de sociabilidade de brasileiros e cariocas, aprender a se locomover pela cidade.

Na sua experiência de vida no exterior, os jovens peruanos encontrarão a oportunidade de comparar o Brasil imaginado com o Brasil vivido no cotidiano e assim, como atores que agem reflexivamente (Giddens, 1989), poderão avaliar as proximidades e distâncias entre os dois Brasis. Os brasileiros participam ativamente deste processo. Será na interação entre eles e os peruanos, a partir das representações que cada um elabora sobre si e o outro, que estudar no Brasil será vivido como uma experiência migratória.

Neste capítulo, analisaremos a maneira como os estudantes no Rio de Janeiro lidam com alguns aspectos da vida prática, mais especificamente como eles encontram um lugar para morar, escolhem o que comer e como se alimentar, se relacionam com os brasileiros e com a Polícia Federal, órgão responsável por tratar de assuntos relacionados aos estrangeiros no Brasil. Combinando uma descrição das práticas dos estudantes com a opinião que eles declaram sobre as mesmas, este capítulo se propõe a mostrar que é na vida cotidiana, lidando com questões de ordem prática que os peruanos percebem que determinados costumes que eles viviam como naturais no Peru, não são compreendidas pelos brasileiros que, por sua vez, têm outros costumes. É no encontro entre os seus "costumes naturalizados" e os dos brasileiros que os estudantes se deparam com a possibilidade de viver uma experiência migratória.

5.1

Moradia

A escolha do lugar de moradia tem como tendência estar próximo à universidade onde o estudante terá aulas. Esta decisão é tomada visando diminuir o tempo de deslocamento e os custos com transporte. Para grande parte dos peruanos que ainda são estudantes, a universidade é o local onde passam a maior parte do tempo- onde assistem aulas, fazem pesquisas, realizam suas refeições e também onde muitos passam o tempo livre-, por isso, eles preferem estar perto dela. Apenas os estudantes da UFRJ que têm aula e fazem pesquisa no campus Fundão não seguem esta tendência, uma vez que este campus numa região pouco povoada, afastada de áreas residenciais e/ou comerciais. Entre os estudantes, há um predomínio de pessoas que residem em bairros da Zona Sul carioca ou no bairro da Ilha do Governador, na zona norte.

Os estudantes da UFRJ que participaram da pesquisa preferem morar na Zona Sul para estar mais próximos das opções de lazer que a cidade oferece. Leyla chegou a morar na Ilha do Governador, bairro próximo ao Fundão, assim que chegou ao Rio de Janeiro, mas se sentia isolada, principalmente nos fins de semana, pois o bairro fica distante das áreas mais turísticas da cidade, por onde ela gostaria de passear. Logo nos seus primeiros meses no Rio, ela se mudou para a Zona Sul, de onde não tem planos de sair. Apesar da locomoção até o local de estudo e pesquisa ser um ponto importante na escolha da moradia, outras questões também são levadas em conta, como a distância da moradia da praia e de locais de lazer, supermercados, o acesso ao transporte público, etc.

A maioria dos estudantes de pós-graduação da PUC-RJ, por exemplo, moram na Gávea e se dividem principalmente entre dois locais de moradia: o *Minhocão* e o Parque da Cidade. O *Minhocão* é um conjunto habitacional localizado ao lado da universidade. Nele moram muitos estudantes da PUC-RJ, não apenas peruanos. Eles geralmente alugam uma vaga nos apartamentos do conjunto, dividindo a moradia com outros. Atualmente, uma vaga no *Minhocão* custa em torno de R\$ 500 e cada quarto é dividido entre dois ou três estudantes.

O *Parque da Cidade* é uma favela localizada nas proximidades da PUC-RJ. Entre os que moram lá, há os que dividem a moradia, quase sempre com outros peruanos, e também os que optam por morar sozinhos. Muitos estudantes

peruanos consideram mais vantajoso morar no Parque da Cidade por ter mais autonomia sobre a moradia. Enquanto no *Minhocão* o estudante aluga apenas uma vaga dentro de um apartamento compartilhado com outras pessoas e administrado por um terceiro, no *Parque da Cidade* são eles os locatários e, como tais, podem escolher com quem dividirão a casa. Atualmente, o aluguel de uma casa com 3 cômodos (cozinha, banheiro e quarto) está em torno de R\$600.

Uma peculiaridade no Parque da Cidade é que o sistema de locação de imóveis é informal, o que isenta os estudantes de assumir as regras de um contrato formal, como ter um fiador. Encontrar o proprietário de um imóvel no Rio de Janeiro disposto a ser fiador de um estudante estrangeiro recém-chegado pode ser uma tarefa complicada, sobretudo quando ele ainda não tem conhecidos na cidade ou está inserido numa rede composta quase que exclusivamente de outros estudantes peruanos, como é o caso da grande maioria estudantes peruanos da PUC-RJ.

Morar numa favela carioca não estava nos planos de nenhum dos estudantes da PUC-RJ. Alguns deles cresceram nos *conos* ou *villas*¹, mas eles percebem uma grande diferença deles para as favelas: o tamanho das casas. Mesmo aqueles que moravam nos *conos* antes de vir para o Rio de Janeiro se surpreendem com o tipo de moradia onde se veem obrigados a residir no *Parque da Cidade*. Solange comenta que todas as casas nos *conos* são muito espaçosas. Todas têm quartos amplos, uma sala grande e um quintal muito extenso, onde, às vezes, se cria alguns animais para consumo próprio. Guadalupe também cresceu num *cono*. Ela se recorda que no grande quintal que tinha a casa, seu pai construiu vários brinquedos para que ela e seus irmãos não precisassem sair de casa para de divertir. Ela lembra que o quintal era tão grande que ela nem sentia vontade de brincar na rua.

Assim que chegou ao Rio, Solange morou numa casa no *Parque da Cidade*, composta de três cômodos pequenos: um banheiro, uma cozinha e um quarto, que dividia com mais três peruanos. O amigo que a convidou para estudar na PUC-RJ já havia alertado sobre as condições de vida dos estudantes de pós-graduação, mas Solange sentiu que a situação era mais precária do que ela imaginou:

¹ Ver capítulo 3.

Ele (meu amigo) me dizia que a vida aqui, para os peruanos pelo menos, é um pouco difícil, porque tinha que viver em casa assim, com várias pessoas, dividindo os gastos... Imaginei que seria assim: viver num quarto, numa casa com várias pessoas. Nunca pensei que seria tão pequeno! Mas tem outros que moram com 6, 5... Inclusive dizem que tem repúblicas onde vivem até 10 (pessoas)². Solange.

Hoje, Solange mora sozinha, mas ainda com pouco espaço, o que, lhe dá a sensação de que não tem qualidade de vida no Brasil. Além da falta de espaço em comparação com as casas peruanas, os peruanos que moram no Parque da Cidade enfrentam ainda alguns inconvenientes, como as frequentes faltas d'água. Quando tal acontece, uma opção é passar o máximo de tempo possível usufruindo das instalações da universidade e do laboratório de pesquisa. Em caso de falta d'água para tomar banho, a solução encontrada por alguns é tomar banho no vestiário do ginásio da PUC-RJ.

A maioria dos estudantes que mora no *Minhocão* e no *Parque da Cidade* tem em comum o fato de terem a bolsa sua única fonte de renda. Grande parte deles são oriundos das classes populares peruanas e decidiram ingressar no mestrado e no doutorado depois de terminar a universidade pública no Peru. Alguns já tiveram experiência prévia de trabalho e voltar a ser um estudante significa uma queda brusca em seus rendimentos. Tal situação é agravada pelo altíssimo custo de vida do Rio de Janeiro, principalmente se comparado com o custo de vida das cidades peruanas. Os estudantes se deparam com uma difícil realidade: eles têm uma renda menor e um custo de vida muito mais elevado do que antes. Assim, a experiência de ser um estudante no Rio de Janeiro é acompanhada pela percepção de que estão sofrendo uma deterioração da sua qualidade de vida. O que alivia tal percepção é a expectativa de que um diploma brasileiro abrirá novas oportunidades no Peru, no Brasil e no mundo.

A dificuldade de pagar uma moradia com o que recebe de bolsa não é uma dificuldade apenas para os estudantes da PUC-RJ. Os peruanos que estudam em outras universidades também se deparam com a mesma dificuldade, principalmente quando não contam com uma poupança ou outra renda- oriunda de

² Él (mi amigo) me decía que la vida acá para los peruanos, al menos, es un poco difícil porque tenía que vivir en casas así con varias personas, compartiendo los gastos.. Imaginé que sería así, vivir en un cuarto, en una casa con varias personas. Jamais pensé que sería tan pequeño! Mas hay otros que moran entre 6, 5... Incluso dicen que hay republicas donde viven hasta 10 (personas).

projetos, por exemplo-, além da bolsa. A solução para diminuir os custos é a mesma empreendida pelos estudantes da PUC-RJ: dividir a moradia.

O *Parque da Cidade* não é a única favela onde moram estudantes estrangeiros, incluindo peruanos. Recentemente, uma das entrevistadas se mudou para a favela Tavares Bastos, no Catete, a convite de uma amiga alemã, que já mora no local há mais tempo. Outra peruana estava pensando em morar no Pavão Pavãozinho com suas amigas mexicanas que vieram cursar pós-doutorado no Rio de Janeiro. Ela tem outras amigas estrangeiras que moram nas favelas Chácara do Céu e na Pereira e Silva.

5.2

A comida é lembrança

Para os peruanos, a comida é parte fundamental de sua vida social. Mais do que um meio para suprir as necessidades físicas do corpo, a comida se configura como um importante elemento na socialização dos peruanos. O reconhecimento internacional que a culinária peruana alcançou tem permitido que cada vez mais pessoas de diferentes países apreciem a diversidade que ela tem para oferecer, o que deixa os peruanos muito orgulhosos. Um indício de tamanha notoriedade da culinária peruana eu tenho percebido quando comento em determinados círculos sociais sobre o meu tema de doutorado. Entre as camadas médias intelectualizadas do Rio de Janeiro, quando menciono que minha pesquisa é sobre a experiência migratória de estudantes peruanos no Rio de Janeiro, é muito comum as pessoas tecerem elogios à culinária peruana, especialmente ao *ceviche*. Este prato peruano se tornou muito popular no Rio Janeiro, sendo incluído nos cardápios de muitos restaurantes, principalmente os de comida japonesa.

Apesar da popularidade do *ceviche*, a culinária peruana não se limita a ele. E os estudantes peruanos lembram disso no seu dia a dia. A comida é um dos pontos centrais de contraste entre o Peru e o Brasil de mais difícil adaptação para os estudantes. Eles são categóricas em reclamar da comida brasileira por ter não a variedade de sabores que a peruana tem. Enquanto no Peru, eles tinham o hábito de comer um tipo de prato diferente a cada dia da semana, aqui no Brasil, eles se

veem obrigados a comer arroz e feijão todos os dias. A sensação de obrigação está presente especialmente entre aqueles que fazem suas refeições nos restaurantes universitários. Neles, as refeições geralmente são mais baratas que em outros restaurantes, porém as opções do que comer costumam ser mais limitadas.

No *bandejão*³ da PUC-RJ, quando o tema de conversa é comida, as reclamações são constantes. Os peruanos reclamam da qualidade da comida, das opções restritas e, principalmente, da insistente presença do feijão. Douglas lembra que quando era estudante, o *bandejão* era bem pior: as opções eram ainda mais limitadas, não havia saladas e a comida tinha um sabor menos agradável. Para Douglas, que tem uma visão retrospectiva do *bandejão*, atualmente ele está muito melhor do que antes, transparecendo sua percepção de que os peruanos que chegaram mais recentemente exageram nas críticas.

Guadalupe sempre reclama da comida do *bandejão* para suas colegas brasileiras, que respondem que a comida de lá não pode ser de parâmetro de como é a “verdadeira” comida brasileira. Elas afirmam que a culinária brasileira é composta por uma variedade de pratos muito saborosos e que o *bandejão* oferece apenas pratos mais simples. Elas reforçam que, para Guadalupe conhecer a comida brasileira “de verdade”, ela tem que comer na casa de um brasileiro, que prepare um prato mais elaborado, com mais refinamento. Guadalupe gosta da ideia, porém completa: “*elas me dizem que eu tenho que comer na casa de alguém, mas ninguém me chama para comer na sua casa!*”.

Uma característica dos almoços e jantares no Peru é que eles são comumente compostos por uma entrada, o prato principal, uma sobremesa e uma bebida. A entrada pode ser uma sopa ou uma pequena porção de algum prato à base de batata ou similares. O prato principal é geralmente algum prato à base de carne, servido em generosas quantidades. A bebida que acompanha a refeição pode ser fria, como um refresco ou uma *chicha morada*⁴, ou quente, como chá. Mesmo nos restaurantes mais populares, é muito usual eles servirem o *menu completo*, que é a combinação dos itens citados acima. A sopa é um dos itens que os estudantes mais reclamam a ausência cotidiana.

³ *Bandejão* é o apelido que recebe o restaurante universitário da PUC-RJ.

⁴ Bebida feita a partir do milho roxo.

A preferência dos estudantes pela comida peruana não se deve exclusivamente à maneira como ela é preparada, pela qualidade dos ingredientes, pela combinação de temperos ou pelo tamanho das porções. Todos estes aspectos são diferentes na comida peruana e na brasileira. Entretanto, para além de suas características objetivas, a comida peruana é a preferida pelos estudantes por sua capacidade de ativar uma memória afetiva através do paladar. Mais do que um alimento, a comida peruana representa um conjunto de relações interpessoais das quais os estudantes estão privados quando no exterior. Como um costume que se ancora na emoção, a comida peruana remete às reuniões em família, aos tradicionais almoços de domingo e à um estilo de sociabilidade em que ela ocupa o papel central, como explica Alejandro. Ele conta que, no Peru, qualquer tipo de encontro entre amigos e familiares tem que ser acompanhado de generosas porções de comida.

A comida também foi um importante elemento no meu processo de envolvimento com os estudantes. O fato de gostar da comida peruana me garantiu muitos convites para participar de refeições, principalmente no restaurante peruano em Copacabana. Nas viagens que fiz ao Peru, Argentina e Chile, sempre trouxe comigo temperos peruanos que não são vendidos no Rio de Janeiro para presentear alguns amigos mais próximos. Agradecidos, alguns deles me convidavam para comer os pratos que eles preparavam com o tempero com o qual foram presenteados.

Os estudantes sentem muita falta da comida peruana, por isso, muitos se esforçam para aprender a cozinhar seus pratos favoritos. Também é muito comum eles terem guardados em casa os temperos necessários para preparar comida peruana que não são vendidos no Rio de Janeiro. Todas as vezes que viajam, eles trazem os temperos em grandes quantidades, para armazenar até sua próxima viagem ao Peru. Se os temperos terminarem antes, os estudantes costumam pedir aos amigos para trazer mais. Por mais que se esforcem para cozinhar comida peruana no Rio de Janeiro, os estudantes conservam certa nostalgia por ela. Uma prova da relevância que a comida ocupa na experiência de vida dos estudantes peruanos é que todos eles falam dela quando perguntados “*Você sente falta do Peru? De quê?*”:

...família e comida. Os duas coisas se misturam. *A comida é lembrança*. O cheiro da comida, do mercado de algumas frutas... Juan.

Cara, eu vejo um prato de comida peruana, eu volto pra minha infância! Eu volto pra algum momento que eu tive lá, entendeu? Eu me lembro.. o ceviche eu me lembro comendo com meus tios que.. meus tios sempre levavam.. Eu me lembro assim! Parece que eu to vivendo aquele momento! Cada comida assim me lembra algum momento lá... alguma coisa.. A mesma coisa a música! Então, as duas me trazem uma lembrança.. É muito mais do que comida, do que prazer: “ah que gostoso”! É lembrança mesmo! Sabe, assim.. pra mim é muito profundo isso.. muito forte! Gladys

O significado que a comida assume para os estudantes está na sua capacidade de fazê-los relembrar um passado vivido no país de origem, em especial, aquele compartilhado com a família. Mais do que oferecer prazer aos paladares, a comida peruana reativa lembranças e mobiliza sentimentos que, em muitos casos, levam à autorreflexão. Guadalupe, por exemplo, reflete que ela só começou a valorizar a comida peruana, especialmente a feita por sua mãe, no Rio de Janeiro. Ela vai ao Peru pelo menos duas vezes ao ano, porque não aguenta passar muito tempo sem comer a comida que sua mãe prepara. Ela lembra que, antes de vir ao Brasil, às vezes sua mãe preparava o jantar e ela, com descaso, dizia que não queria comer. Ela hoje percebe o quanto a sua mãe se esforçava para agradá-la e lamenta não ter valorizado a comida e a dedicação de sua mãe antes. Mas, Guadalupe se alegra de ter vindo para o Brasil e, através do afastamento e da falta que sente de sua família, ter aprendido a dar mais valor e à sua mãe à comida que ela prepara.

5.2.1

Feijão é só segunda!

Sofia se lembra que, quando chegou ao Rio, costumava comprar refeições para almoçar na universidade quando estava no seu laboratório de pesquisa. Todos os dias, o feijão compunha seu prato, o que provocou nela uma inicial repulsa.

..eu odiava feijão! Eu ODIAVA! Ainda porque, quando eu comecei tinha um refeitório (...) que o prato mais barato era o PF, que era o prato feito. E era arroz,

feijão, carne; carne, feijão, arroz; feijão, carne, arroz... Uma coisa assim.. Todo dia!

O feijão é um alimento indigesto para muitos peruanos. O seu consumo rotineiro não é um hábito no Peru, ao contrário do arroz, que faz parte de muitos pratos tradicionais. Não são apenas os peruanos que estranham a presença diária do feijão nos pratos brasileiros. Em sua pesquisa com sul-americanos em São Paulo, Young (2007) também encontrou entre eles um estranhamento diante do hábito brasileiro de comer feijão todos os dias. Para alguns deles, o feijão não apenas é um alimento que não se costuma comer cotidianamente no país de origem, como ainda está associado à pobreza. Por isso, comer feijão todo dia no Brasil tem uma conotação pejorativa, que remete a seu próprio empobrecimento.

Eduardo explica que seu estranhamento com os hábitos alimentares brasileiros não vem do fato do feijão fazer parte da dieta do país, mas dele ser consumido diariamente. Ele conta que é costume no Peru que em cada dia da semana se coma um tipo de prato diferente. Lá também se come feijão, mas não todos os dias:

.. A comida no Peru é bem diferente. No Peru, ninguém vai almoçar todo dia feijão. Um dia, a segunda, é sempre feijão. Segunda é tradição(comer) feijão. Eduardo.

O estudante esclarece que o feijão que se tem o hábito de comer às segundas-feiras no Peru não é o mesmo que aqui, mas é a lentilha⁵. Apesar de Eduardo afirmar que os feijão- na verdade, a lentilha- é o alimento que se come nas casas peruanas às segundas-feiras, nem todos peruanos compartilham ou mesmo conhecem esse hábito. Certa vez, conversando com um amigo peruano de Lima, perguntei sobre o costume peruano de comer feijão às segundas-feiras. Ele me disse que nunca tinha ouvido falar nisso. Talvez, este não seja um hábito em Ancash, onde Eduardo nasceu e crescer. Ou então, meu amigo não entendeu que o feijão que Eduardo se referia era, na verdade, lentilha.

Quando chegou ao Brasil, Ricardo também achava estranho o hábito de comer feijão cotidianamente. Mas, depois de 7 anos no país, ele não apenas se

⁵ Certa vez, conversando com um amigo peruano de Lima, perguntei sobre o hábito peruano de comer feijão às segundas-feiras. Ele me disse que esse hábito é completamente desconhecido para ele. Talvez, este não seja um hábito compartilhado por todas as regiões do Peru ou ele não entendeu que o feijão, na verdade, era lentilha.

acostumou, mas aprendeu a gostar do feijão. Seu gosto pelo feijão brasileiro é tamanho que quando passa muito tempo no Peru sente falta do alimento. Uma vez, o convidei para almoçar na minha casa e ele elogiou muito o feijão que preparei, com o caldo grosso. Apesar do seu choque inicial com o feijão, Sofia também se acostumou com ele. Hoje, ela se diz "*viciada em feijão*".

5.2.2 Do mercado ao (super)mercado

O estranhamento que os estudantes peruanos sentem em relação à comida brasileira não se restringe ao hábito de comer feijão diariamente. Um aspecto da cultura alimentar brasileira que incomoda os peruanos é o fato de não existir no Rio de Janeiro tantos mercados como no Peru. Os mercados peruanos são espaços onde são vendidos principalmente gêneros alimentícios principalmente legumes, verduras e carnes. Eles se assemelham às feiras livres do Rio de Janeiro pelo tipo de comida que comercializam. No entanto, enquanto as feiras são temporárias, com um dia e horário marcado para acontecer, os mercados funcionam regularmente, todos os dias da semana, num local fixo. Dentro dele, cada comerciante tem um *stand* onde vende seus artigos.

Para os estudantes peruanos, é estranho não encontrarem mercados nas áreas do Rio de Janeiro por onde circulam, mas apenas supermercados. Para eles, o mercado é onde se pode comprar comida mais fresca, principalmente as carnes. Nos supermercados, ao contrário, predominam artigos alimentícios industrializados, conservados à base de produtos químicos ou por resfriamento. Teresa, brasileira que se casou um ex-colega de mestrado peruano e mora no Peru há mais de 10 anos, lembra como era incômodo para ela fazer as compras no mercado. Ela, que sempre residiu em bairros de classe média de Lima, explica que era um hábito para seu marido e sua família fazer compras no mercado. Ela, entretanto, prefere ir ao supermercado que lhe parece mais organizado e salubre. Sofia concorda que muitos mercados peruanos carecem de higiene, por isso, ela prefere as feiras livres cariocas, onde pode saborear o pastel com caldo de cana sem temer ser contaminada.

Solange, por outro lado, se surpreendeu quando percebeu que no Rio de Janeiro o principal local onde as pessoas compram comida é o supermercado. “É

tudo congelado”, ela analisa. Ela imaginava que comprar comida em supermercado era um hábito comum apenas na Zona Sul, onde ela mora, pois é uma área da cidade onde predomina pessoas “*acomodadas*”, aquelas com alto poder aquisitivo. Quando contei para ela que eu sempre morei em bairros de classe média baixa da Zona Norte carioca e que lá também o costume é comprar comida nos supermercados, ela se assustou, lamentando que os brasileiros não comam a comida fresca dos mercados peruanos.

Além da surpresa por não encontrar mercados como os peruanos, os estudantes peruanos se assustam com o preço da comida no Rio de Janeiro. Na sua percepção, os supermercados além de não venderem comida fresca, ainda cobram muito caro pelo que vendem. As feiras são uma opção mais semelhante aos mercados, mas também são caras, muitas vezes mais que os supermercados. Assim, para os estudantes, a comida brasileira se opõe à peruana por ser menos fresca, mais cara e ainda menos variada:

Quadro 5 -Esquema de classificação da comida peruana e brasileira segundo a percepção dos estudantes peruanos

COMIDA PERUANA	COMIDA BRASILEIRA
Variada	Repetitiva
Fresca	Congelada
Mercado	Supermercado
Barata	Cara

Mesmo os que gostam da comida brasileira, quando a comparam com a peruana, concordam que a comida do seu país de origem é mais saborosa e que no Peru a qualidade dos alimentos é melhor do que a do Brasil. Ainda que grande parte dos estudantes peruanos tenha uma visão negativa da comida brasileira, alguns apreciam pratos locais, como Ricardo. Ou ainda, reconhecem que alguns pratos peruanos ficam ainda mais saborosos quando feitos com ingredientes brasileiros, como concluiu Sofia em relação ao *lomo saltado*⁶ preparado com

⁶ Picadinho de carne com cebola e tomate, temperados com cebolinha e molho shoyo. O lomo saltado é servido acompanhado por arroz e batata frita.

carne brasileira. Enquanto os estudantes peruanos avaliam positivamente a comida peruana, principalmente quando comparada com a brasileira, alguns chegam a gostar da comida brasileira - o que não termina com sua preferência pela comida do seu país. Além da gama de lembranças que a comida peruana ativa, ela é também valorizada pelo forma como os alimentos são produzidos, vendidos e armazenados: nos mercados. Para muitos estudantes, a comida dos mercados é mais saudável, fresca e simboliza mais um item da qualidade de vida que se vê deteriorada no Brasil, juntamente com as apertadas moradias.

5.3

O Rio de Janeiro (não) é pra turista

De uma maneira geral, os estudantes compartilham da percepção que os brasileiros e cariocas tratam bem os estrangeiros, independente de sua nacionalidade. Alguns dão como exemplo casos de que, quando precisam de alguma informação na rua, as pessoas se esforçam para ajudá-los e se preocupam para que não fiquem perdidos. Os estudantes concordam que, no Rio de Janeiro, os estrangeiros não são alvo de discriminações: eles são bem recebidos e bem tratados. Enquanto reconhecem nos cariocas uma disposição em tratar bem os estrangeiros, os estudantes também percebem neles uma peculiaridade. Ainda que sejam geralmente muito simpáticos e corteses, não é uma tarefa fácil ter amigos cariocas. Ao mesmo tempo em que são amigáveis, os cariocas se fecham em seus grupos de afinidades e relutam em convidar estrangeiros a participar deles.

Walter reflete que esta é uma característica dos brasileiros das classes mais altas, que têm mais resistência em se aproximar dos estrangeiros. Tal avaliação se coaduna com a percepção que Guadalupe tem das suas colegas brasileiras, que apesar de sempre dizer que ela precisa provar a comida brasileira feita pelas famílias em suas casas, nunca tomam a iniciativa de convidá-la para ir às suas próprias casas. Guadalupe chega à conclusão que os brasileiros são simpáticos e alegres, mas seletivos quando a questão é fazer amizades mais íntimas. Para ela, está óbvio que suas colegas de universidade não querem ter uma relação mais profunda com ela.

Ele (o brasileiro) não se mistura. Ele faz faculdade, faz mestrado com você (...), mas ele não chega a se misturar muito- os brasileiros que eu tô conhecendo, de classe alta; brasileiros de classe baixa, eu não sei muito... Guadalupe

Daniel, que fez seu mestrado no Rio Grande do Sul, percebe que a resistência em ter uma relação mais íntima com os estrangeiros é uma característica dos cariocas. Comparando com os gaúchos, os cariocas são muito simpáticos e receptivos “*da porta para fora*”: eles são simpáticos com os estrangeiros, mas evitam ter um contato mais íntimo, como convidá-los para ir à sua casa ou conhecer sua família. Já os gaúchos não são tão receptivos quanto os cariocas à primeira vista, mas estão dispostos a fazer amizades mais duradouras.

Agora, posso ver uma diferença (...) de estado para estado. Aqui são super receptivos, mas *da porta da fora*. Mas no Rio Grande do Sul, não são tão receptivos quanto aqui. Mas se você conhece a pessoa, ela te apresenta o pai, a mãe, te leva pra almoçar, pra jantar.. a intimidade é maior... No Rio (de Janeiro) tem menos intimidade. Você tem que conhecer muito a pessoa! Eu conheci quase a mesma quantidade de pessoas e suas famílias no Rio e no Rio Grande do Sul em 2 anos e eu moro aqui há mais de 15 anos... Daniel

A dificuldade de construir uma relação mais profunda com os cariocas é agravada quando o estudante ainda não fala português. Não dominar o idioma intimida muitos peruanos tentar uma aproximação dos brasileiros. Além disso, como grande parte dos estudantes decidem vir para o Rio de Janeiro a convite de um amigo, quando chegam, eles se integram às redes de relações desse amigo, que é composta quase que exclusivamente por conterrâneos. Por isso, alguns estudantes, mesmo depois de muitos anos morando no Rio de Janeiro, conhecem poucos brasileiros ou mantêm uma relação de pouca intimidade com os que conhecem.

Alguns estudantes julgam que, muitas vezes, esta distância entre brasileiros e peruanos tem uma contribuição também por parte dos últimos. Os que compartilham desta percepção concluem que muitos peruanos se mantêm fechados: com uma postura de desconfiança, preferem estar com os amigos peruanos, principalmente se eles já se conhecem do Peru. Muitos deles não se esforçam para aprender português ou interagir com os brasileiros, criando uma barreira. Adquirir o domínio da língua portuguesa é um elemento fundamental no processo de interação dos estudantes peruanos com os brasileiros. E, como um

ciclo que se autoalimenta, os estudantes que conseguem se comunicar em português têm mais possibilidades de interagir com brasileiros e nesta interação, eles adquirem mais fluência na língua. Por isso, os estudantes que ao longo dos anos convivem mais com brasileiros se sentem mais seguros em falar português, desenvolvendo a habilidade de usar o idioma sem ou com poucas interferências da sua língua nativa.

Na pesquisa que realizou com estudantes brasileiros de doutorado nos EUA e na Europa, Rezende (2009) observou que entre os estereótipos que as sociedades locais atribuem aos brasileiros está o de que o brasileiro é um ‘povo afetivo’: avesso a formalismo e afeito à espontaneidade. Esta afetividade ‘tipicamente’ brasileira faria dele uma pessoa aberta, calorosa e propensa a fazer amigos. Por isso, os estudantes brasileiros acreditam que uma parte fundamental no seu processo de integração à sociedade local onde foram estudar é fazer amigos nativos. Os peruanos estão de acordo que os brasileiros, em geral, são amigáveis. Contudo, eles se surpreendem com o paradoxo dos cariocas: ao mesmo tempo em que são muito comunicativos, porém evitam o estabelecimento de relações mais íntimas.

Mesmo valorizando o Rio de Janeiro pela diversidade da sua cultura, pelo seu cosmopolitismo e pela descontração dos cariocas, os estudantes reconhecem que têm uma visão particular da cidade, diferente da que os turistas têm. Ao contrário dos que vão para o Rio de Janeiro a passeio, os estudantes vivem na cidade, o que, para eles, significa estabelecer uma relação com a cidade e os brasileiros que permite conhecê-los para além das aparências. Os cariocas são vistos pelos estudantes como muito mais tranquilos, bem-humorados e menos formais que os peruanos.

A informalidade dos cariocas surpreende: acostumados a chamar as pessoas mais velhas de “senhor” e “senhora”, seus professores pelo sobrenome e vestir roupa social para assistir aula, os peruanos estranham que no Rio quase todos se tratam como “você”, inclusive alunos e professores, que os alunos chamem professores e pessoas mais velhas pelo primeiro nome, e não pelo sobrenome como acontece no seu país, e que muitos alunos assistam aula de bermuda e chinelo. Tomás explica que as hierarquias na sociedade peruana são muito importantes e respeitadas publicamente. Por isso, as pessoas mais velhas são

sempre chamadas de “senhor/a” e é mantida uma distância do professor, que, na universidade, é hierarquicamente superior ao aluno.

Entretanto, a simpatia e a descontração dos cariocas escamoteiam formas de discriminações *sutis* aos estrangeiros. Apesar de quase todos os estudantes responderem “não” à pergunta “*no Brasil, o estrangeiro é discriminado?*”, muitos relatam casos em que um estrangeiro recebeu um tratamento depreciativo de um brasileiro. Este tipo de tratamento é disfarçado e geralmente se torna mais explícito em ambientes de disputa, como o mercado de trabalho, quando o estrangeiro acessa serviços públicos como a universidade, ou ainda quando o estrangeiro reclama de algum aspecto do Brasil. Rubén explica que, em geral, os cariocas tratam bem os estrangeiros, porém não todos:

Tem um ou outro *ignorantón* que solta essas frases, tipo: "que o estrangeiro, que está roubando nosso trabalho, que se aproveitam"... Por exemplo, se você reclama por algo, e alguém corta sua onda, por exemplo "volta pro seu país⁷!" Rúben.

Renato completa a fala de Rubén, explicando que este posicionamento que alguns cariocas assumem não é algo casual e sem fundamento, mas uma característica da sociedade brasileira reforçada inclusive nas suas leis:

E ISSO ESTÁ NAS LEIS! Porque os estrangeiros que vêm aqui, até os estrangeiros que têm visto permanente para poder trabalhar, qualquer estrangeiro que não está nacionalizado só goza de direitos civis. Não gozam de direitos políticos: você não pode votar e ser votado. Então, também por isso falam que você não pode reclamar... não pode se meter com isso... "Você tem direitos civis, mas não critique o governo". Esta é uma ideia que vem das leis⁸. Renato.

Renato aponta para uma questão fundamental na inserção do estrangeiro na sociedade brasileira. Por mais simpáticos e receptivos que sejam os cariocas, em momentos de confronto eles acionam a lógica que estrutura as leis brasileiras, que é a de que os estrangeiros têm direitos limitados: eles têm direitos civis, mas

⁷ Hay uno o otro ignorantón que sueltan esas frases... tipo, que lo extranjero, que nos está quitándonos trabajo, que se aprovechan... por ejemplo, si tu reclama algo, y alguien te corte la onda, por ejemplo: “regresa a tu país!” Rúben

⁸ - ...ESTO ESTÁ EN LAS LEYES. Porque los extranjeros que vienen aquí, los extranjeros que tienen visa permanente, incluso, para poder trabajar, cualquier extranjero que no está nacionalizado solo goza de derechos civiles. No gozan de derechos políticos: tu no puedes votar ni ser votado. Entonces, también por eso: como que te dicen que no puedes reclamar.. no puedes meterse en eso.. Tienes otros derechos, civiles, pero no critiques al gobierno.. Esta es una idea desde la leyes.. Renato.

não direitos políticos. Por isso, a sociedade brasileira entende que os estrangeiros não podem reclamar ou expressar uma visão crítica do Brasil e dos brasileiros, mesmo se vivem no país há muitos anos e adquiriu o visto permanente ou mesmo a naturalização (Blanchette, 2001).

A ideia de que o estrangeiro não deve reclamar de nenhum aspecto da sociedade receptora não é exclusividade do Brasil, mas, segundo Sayad (1998; 1999), esta é a lógica que estrutura os Estados nacionais. Do não-nacional é exigido polidez e obediência às regras estabelecidas. Como uma visita na casa de um estranho, ele deve se portar com discrição e ser grato pela disposição do anfitrião- o cidadão nacional- em recebê-lo. Por isso, o não-nacional nunca é pensando como um ser político, mas como um indivíduo que, pela generosidade do anfitrião, recebeu dele o favor de morar no país estrangeiro. A polidez exigida do não-nacional o reduz a uma posição de neutralidade que o torna moralmente obrigado a portar-se como um ser apolítico, como um bom convidado que não se envolve nos assuntos dos ‘donos da casa’ (Sayad, 1998, p.67).

Como convidados, os estrangeiros são repreendidos quando acessam recursos que os brasileiros entendem como exclusivos aos nacionais. Neste caso, o estrangeiro deixa de ser visto como o convidado generosamente recebido para se tornar aquele que ameaça o bem-estar da sociedade nacional. Blanchette (2001) comenta que o tratamento do estrangeiro como uma ameaça é comum mesmo entre as camadas intelectualizadas brasileiras, lembrando casos em que seus colegas brasileiros de pós-graduação questionaram por quê ele, um americano, tinha direito a receber uma bolsa das agências de fomento brasileiras. Renato conta que tem um colega de trabalho também via o estrangeiro como uma ameaça, mas que começou a mudar sua maneira de ver os estrangeiros depois de conviver com ele:

Eu tenho um amigo que mudou sua maneira de pensar, porque antes ele era muito nacionalista e ele pensava que os estrangeiros vinham roubar o trabalho dos brasileiros. Tinha uma aversão a estrangeiros. E quando eu ingressei na faculdade, e ele, começamos a conversar e ele se deu conta que eu sou uma pessoa normal, que também estava como ele: trabalhando e estudava de noite. E quando eu entrei na faculdade, depois ele me disse que eu estava roubando, porque (a faculdade) era pública. Porque o dinheiro era dos brasileiros.. e que eu estava estudando com o dinheiro dos brasileiros. Mas, eu dizia para ele: eu também pago imposto. Eu

também pago! Eu trabalho, pago minhas contas... tudo o que um brasileiro paga. Só não nasci aqui. Eu acho absurda essa crítica⁹! Renato

Se o colega de Renato deixou de vê-lo como uma ameaça para entender que ele é uma pessoa normal, e não como um inimigo astuto que rouba a chance de um brasileiro estudar no seu próprio país, nem sempre o convívio com estrangeiros transforma completamente a maneira dos brasileiros percebê-los. Sílvia, brasileira que tem muitos amigos peruanos que estudaram no Brasil, confessa que se preocupa com o grande número de estrangeiros que usufruem das oportunidades de estudos que o Brasil oferece. Na sua fala, Sílvia deixa implícito que tais oportunidades deveriam ser reservadas aos brasileiros.

Depois de entrar na universidade, muitos estrangeiros ainda têm sua capacidade intelectual colocada em cheque pelos seus colegas brasileiros, principalmente se eles são participantes de programas com acesso diferenciado, como os PEC's. Daniel conta:

Os caras no trabalho, por eu ser estrangeiro, acham que eu não tenho o mesmo nível. Não sei se é implícito ou com inveja porque tem um estrangeiro lá dentro. Já ouvi um comentário: “ah!! Ele, como entrou (no mestrado/ doutorado)???”. Por exemplo, no meu caso, eu entrei pelo sistema normal... Mas já escutei um cara se queixando porque um cara entrou só pelo convênio... E depois, esse estrangeiro foi melhor em todas as disciplinas.. Só tirava A.. Daí, eu falei isso pra ele: você ficou falando dele, mas ele foi melhor que você! (...). Você catalogou ele como estrangeiro¹⁰.

A sutileza dessas formas de discriminação reside na dificuldade em observá-las na vida cotidiana carioca, já que os brasileiros tratam os estrangeiros de maneira cordial e receptiva. Reconhecer as formas de discriminações às quais os estrangeiros estão sujeitos no Rio de Janeiro exige dos estudantes a perspicácia de

⁹ Yo tengo un amigo que él cambió su manera de pensar, porque antes él era muy nacionalista y él pensaba que los extranjeros venían a robar el trabajo de los brasileños... Tenía una aversión a los extranjeros.. ... Y cuando yo ingresé en la universidad... Y él, comenzamos a conversar y él se dio cuenta que soy una persona normal. Que también estaba como él trabajando y estudiaba por la noche.. Y cuando ingresé en la universidad, después él me dijo.. que yo estaba robando, porque era pública.. Porque el dinero de los brasileños.. y que yo estaba estudiando con el dinero de los brasileños. Pero, yo le decía siempre: yo también pago impuestos. Yo también pago! Yo trabajo, pago mis cuentas.. Todo que un brasileño paga. Solo no he nacido aquí. Me parece absurda esta crítica! Renato

¹⁰ O estrangeiro em questão era do Gabão e tinha entrado no programa de pós-graduação onde Daniel estuda através de um convênio.

compreender os brasileiros para além do trato superficial cotidiano, ou seja, além do que um turista pode ver. Ao contrário de um turista, que fica na cidade pouco tempo e está a passeio, os estudantes vivem na cidade e é ao longo desse período que eles acreditam que conseguem desenvolver um olhar mais crítico sobre a cidade e as relações dos brasileiros com os estrangeiros. Ou seja, a capacidade de crítica exigiria tempo para ser desenvolvida. Na entrevista que fiz com Guadalupe e Augusto, ela fazia duras críticas ao Rio de Janeiro, principalmente à discriminação aos pobres, enquanto Augusto, que havia chegado no Rio há 4 meses, não percebia as críticas que fazia sua amiga. Guadalupe explicou que com o tempo, Augusto entenderá sua opinião, pois ela mesma só começou a entender o Rio de Janeiro mais profundamente depois de passados alguns meses na cidade.

5.4 Na Polícia Federal

Enquanto os estudantes compartilham da opinião que os cariocas são receptivos e concordam que, apesar de ser uma cidade muito cara, o Rio de Janeiro é um lugar agradável para se viver, esta percepção não se estende à avaliação do tratamento que os estrangeiros recebem na Polícia Federal. Todos os entrevistados afirmam que o atendimento da instituição é ineficiente, demorado e exaustivo. Os estrangeiros são tratados com descaso, não há agentes que falam outros idiomas e, por isso, os estrangeiros que não falam português não conseguem se comunicar. Além disso, são rotineiros episódios em que os agentes não dão o devido atendimento, fornecendo, inclusive, informações equivocadas que colocam em risco o trâmite solicitado. Jeremia desabafa que, no Brasil, não é apenas a Polícia Federal que atende mal o estrangeiro, mas em todos os locais regidos por uma burocracia. Para ser bem atendido “*tem que ter sorte*”:

O único que eu não gosto do Brasil é que seus bancos, sua polícia, tudo que tem a ver com burocracia, é muito ruim. Tem que ter sorte. Por exemplo, quando eu vou fazer alguma coisa no banco, tenho que ter sorte que a pessoa que me vai atender esteja de bom humor, esteja alegre. Se está chateada, vai me fazer voltar novamente. Porque, tive um caso que pedi a documentação. Eu levava a documentação e me faziam voltar. Eu levava a outra documentação, e me faziam voltar de novo. Me fizeram ir e voltar 5 vezes. Até que uma vez eu cansei e disse:

você não é profissional! Você me diz uma coisa e falta outra... E ainda me falta uma coisa mais!" ... A burocracia aqui é muito ruim. Não é assim no Peru. Jeremia

Jeremia observa que quando se trata de serviços burocráticos, há uma inconstância na forma de aplicar os procedimentos aos clientes atendidos, o que compromete a celeridade dos processos e levam os usuários à exaustão. O que aconteceu com Jeremia no banco se repetiu na Polícia Federal, quando só conseguiu receber seu visto permanente por casamento com brasileira depois de 9 meses. Para receber atendimento, os estudantes precisavam acordar de madrugada, fazer fila e pegar uma senha. Entretanto, mesmo quando conseguiam pegar uma senha, não tinham a garantia de que seriam atendidos, porque o número de atendidos variava de acordo com a decisão dos agentes e com o número de trâmites encaminhados por despachantes- e não com o número de senhas distribuídas. Quando lembra, Osvaldo se revolta:

eles te tratam assim... Que se você tem que ir lá quase que a pedir por favor! Eles se acham assim... o rei! Tinha vezes que eu tinha que ir cedo, duas da manhã, três da manhã e fazer fila. A moça me dá minha senha e depois dizer que essa senha não existe, que eu que inventei.. e que tinha que voltar outro dia.. Eles só atendem um número assim, específico por dia. Digamos: "...Hoje acordei com vontade de atender 10 pessoas.. O resto que se dane.." ...eles vão atender 10. Desses 10, 7 vão ser com o esquema (por despachante) e os outros 3 serão os que chegaram de madrugada e ainda com sorte.

Os peruanos que ainda possuem visto de estudante e, portanto, precisam ir à Polícia Federal pelo menos uma vez ao ano solicitar a prorrogação do visto, percebem uma melhora no atendimento. Agora, a Polícia Federal conta com um sistema de agendamento virtual que substitui as senhas. Todos aqueles que agendaram previamente seu horário pela internet têm a garantia de que serão atendidos, e por isso, não correm o risco de passar pelo que Osvaldo e outros peruanos já passaram. Os peruanos mais antigos na cidade percebem uma melhora muito significativa na estrutura física do atendimento a estrangeiros da Polícia Federal. Antes, ela funcionava na Praça Mauá, num local estreito e sem ar-condicionado e atualmente está no aeroporto internacional Tom Jobim. Os estudantes que se estabeleceram no Rio de Janeiro também perceberam uma melhora no tratamento depois que deixaram o visto de estudante pelo visto de residente- seja por trabalho, casamento com cônjuge brasileiro ou por ter tido

filho no Brasil, questão que merece um reflexão, mas que foge do escopo deste trabalho.

Apesar de perceberem algumas mudanças positivas na Polícia Federal, os estudantes continuam críticos ao seu atendimento. A burocracia continua complicada e grande parte dos agentes não tem paciência para explicar os procedimentos. Por isso, o fator “*sorte*” mencionado por Osvaldo e Jeremia continua sendo necessário para que um estrangeiro consiga resolver todas as suas pendências na Polícia Federal. Tal sorte está relacionada principalmente à maneira como cada agente atende os estrangeiros. Quando o agente está disposto, ele explica detalhadamente os procedimentos que o estrangeiro tem seguir. Quando não, o estrangeiro tem que buscar informações sozinho ou voltar várias vezes à Polícia Federal até ter seu caso resolvido. Como existe uma regularidade nos agentes que trabalham com estrangeiros, os estudantes peruanos já conhecem o temperamento de cada um deles e tratam de forma mais assertiva os agentes que têm uma postura mais hostil.

Quando Eduardo foi dar entrada ao seu pedido de permanência pelo Acordo MERCOSUL, a agente que o atendeu assumiu uma postura de bastante rejeição aos estrangeiros: “*you estão nos invadindo! Por que vocês vêm praqui? Como que o governo permite isso daí? Agora vão nos invadir?!?*”, disse a agente para ele. Eduardo ficou surpreso com esta reação, primeira vez em que viu atitude desse tipo de um brasileiro, que é geralmente muito amigável. Em princípio, a agente disse a Eduardo que não sabia nada sobre esse tratado e, portanto, não poderia receber o pedido. Astutamente, Eduardo havia levado uma cópia da publicação do acordo no Diário Oficial que comprovava sua existência. Firmemente, o estudante falou que caso ela continuasse a negar-lhe atendimento, ele iria se reportar a seu superior. Indignada, a agente recebeu a demanda de Eduardo:

Eduardo: Dei entrada no pedido, só que a menina que me atendeu, ela ficou muito zangada...

Camila: Ela te atendeu? Fez seu pedido?

Eduardo: Ela fez. Fez meu pedido porque eu falei: “aqui: tenho este”. E levei uma xerox do tratado e dos requisitos. Eu falei com ela: “se você não me quiser atender, então vou falar com seu chefe, porque ele deve saber do tratado...”. Ela, toda

zangada falou: “ah.. eu vou consultar isso aí”... (...) Me atendeu, mas ela foi a consultar a seu chefe.

Eduardo assumiu tal postura alertado por seus amigos. Dois deles já tinham ido à Polícia Federal solicitar o visto de permanência através do Acordo MERCOSUL, porém a mesma agente se recusou a realizar o trâmite, alegando desconhecer a existência do acordo. Eduardo então se municiou caso fosse atendido pela agente que negou o pedido de seus amigos. Depois de atendido, Eduardo contou para eles o que aconteceu, que voltaram à Polícia Federal e exigiram que a mesma agente recebesse suas solicitações sem que tivessem agendar o atendimento novamente.

As informações transmitidas entre amigos são fundamentais para os estudantes lidarem com a burocracia brasileira, sobretudo a da Polícia Federal. A partir delas, eles se preparam para ter seus direitos garantidos, mesmo quando os agentes burocráticos fornecem uma informação equivocada ou se recusa a atendê-los por algum motivo. Na sua experiência como estrangeiros no Rio, os estudantes aprendem que assumir uma postura firme e estar sempre bem informados é a garantia que têm de que serão respeitados como sujeitos de direitos.